



MÍDIA E CULTURA

O sonho da cidade: medo e interação na metrópole imaginada¹

The dream of the city: fear e interaction in the imagined metropolis

El sueño de la ciudad: miedo e interacción en la metrópoli imaginada

**Marcos Fábio Medeiros
Vieira²**

orcid.org/0000-0002-5966-8596
marcosvieira@yahoo.com.br

**Denise da Costa
Oliveira Siqueira²**

orcid.org/0000-0001-7501-7390
dcos@uerj.br

Recebido em: 25 out. 2020.

Aprovado em: 8 jun. 2021.

Publicado em: 20 ago. 2021.

Resumo: As metrópoles contemporâneas, onde efemeridade e velocidade assumem papéis econômicos fundamentais, propiciam o surgimento de *ambiances* e imaginários sobre cidades ideais ou de sonho. Neste artigo, temos como objetivo estudar, a partir de uma leitura da antropologia das emoções e de estudos urbanos, uma situação de *évasion*: o conto fantástico "Uma história de duas cidades", dos quadrinhos de Sandman, de Neil Gaiman. No conto, a cidade de sonho torna-se labirinto de significações do qual os indivíduos buscam uma fuga. Metodologicamente, a partir de uma perspectiva qualitativa, hermenêutico-interpretativa, lemos texto e imagens da HQ, observando a cidade imaginada como tentativa de *évasion* movidos pela questão sobre em que medida medo e interação mediatizada produzem sentidos sobre a cidade contemporânea. Como resultado preliminar, observamos que na HQ o indivíduo se divide entre a segurança do espaço privado e o desejo de lançar-se ao espaço desconhecido, aos encontros e à morte.

Palavras-chave: Medo. Cidade. Imaginário. Corpo. Gaiman.

Abstract: Contemporary metropolises, where ephemerality and speed assume fundamental economic roles, propitiate the emergence of *ambiances* and imaginaries about ideal or dream cities. In this paper, we aim to study, from a reading of the anthropology of emotions and urban studies, an *évasion* situation: the fantastic short story *A Tale of Two Cities*, from the *Sandman* comics, by Neil Gaiman. In the short story, the dream city becomes a labyrinth of significations from which individuals seek to escape. Methodologically, from a qualitative, hermeneutic-interpretative perspective, we read text and images from the comic, observing the imagined city as an attempt of *évasion* driven by the question about how fear and mediatized interaction produce meanings about the contemporary city. As a preliminary result, we observed that in the comic the individual is divided between the security of private space and the desire to launch himself into the unknown space, to encounters and death.

Keywords: Fear. City. Imaginary. Body. Gaiman.

Resumen: Las metrópolis contemporâneas, donde lo efimero y la velocidad asumen papeles económicos fundamentales, propician la aparición de *ambiances* e imaginarios sobre ciudades ideales o soñadas. En este artículo nos proponemos estudiar, a partir de una lectura de la antropología de las emociones y de los estudios urbanos, una situación de *évasion*: el cuento fantástico *A Tale of Two Cities*, del cómic *Sandman*, de Neil Gaiman. En el cuento, la ciudad de los sueños se convierte en un laberinto de significaciones del que los individuos buscan una salida. Metodológicamente, desde una perspectiva cualitativa, hermenéutica-interpretativa, leemos textos e imágenes del cómic, observando la ciudad imaginada como un intento de *évasion* movido por la pregunta sobre hasta qué punto el miedo y la interacción mediatizada producen significados sobre la ciudad contemporânea. Como resultado preliminar, observamos que en el cómic el individuo se divide entre la seguridad del espacio privado y el deseo de lanzarse al espacio desconocido, a los encuentros y a la muerte.

Palabras-clave: Miedo. Ciudad. Imaginario. Cuerpo. Gaiman.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este texto foi escrito, aprofundado e ampliado a partir de uma versão bastante inicial apresentada no GP Comunicação e Culturas Urbanas do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Introdução

A intensificação de processos tecnológicos no campo das comunicações impulsionada pelo crescimento acelerado das cidades e pela concentração de populações nos espaços urbanos, produziu, ao longo do século XX e no início do século XXI, *ambiances* comunicacionais nas quais o indivíduo se vê, cada vez mais, envolvido por tramas de significações e códigos visuais. A concentração desses signos fragmentados, efêmeros e em constante mudança faz das cidades terreno fértil para a produção de sentidos, para interações mediatizadas ou expressas por meio de corpos, mas também para demonstrações de afetos, sentimentos e emoções como medo, insegurança e nojo.

Medo, insegurança, abjeção ao outro, ao estrangeiro ou ao pobre tornaram-se argumentos políticos em períodos eleitorais recentes em países da Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Reforçam argumentos publicitários para a venda de produtos e, ainda, discursos em diferentes religiões. Política, comércio, religião parecem, em grande parte, pautar-se nessas vozes contemporaneamente.

Tais discursos duros, e também os de caráter econômico, financeiro, tecnológico sobre as metrópoles, suas edificações, avenidas, espaços de consumo e muitas contradições sociais abrem espaço, talvez paradoxalmente, para representações idealizadas do espaço urbano em que os indivíduos parecem encontrar alívio para o excesso de estímulos nervosos, abrigo contra a violência e os perigos da vida urbana. *Shopping centers*, condomínios fechados, *boîtes* exclusivas, ruas fechadas simulam uma cidade ideal, segura e controlável contra os conflitos, imprevisibilidades e emoções da cidade de fato.

No entanto, o desejo de confrontar-se com o exterior, com o estranho, desconhecido, inseguro, leva alguns indivíduos a buscar corporal e imageticamente uma pluralidade que lhes é negada no conforto da vida "protegida", controlada dos ambientes ditos seguros e vigiados. Esses habitantes da cidade anseiam pela mudança. A *évasion* ou fuga (tanto da cruel cidade "real", quanto da cidade vigiada, a cidade "segura"), pode se dar, além do plano físico, no plano simbólico. Por meio das

diversas mídias, de redes sociotécnicas, de práticas espirituais ou ainda de terapias, tratamentos médicos e de drogas, lícitas ou não, é possível experimentar escapes ao menos momentâneos. A ficção – desde os romances até as narrativas das histórias em quadrinhos aqui estudadas – pode ser considerada um dos espaços simbólicos nos quais se encontram formas de desaparecer de si, como a que estamos chamando de "o sonho da cidade".

Tendo essas pistas como princípio, neste artigo estudamos o conto "Uma história de duas cidades", da série de quadrinhos Sandman, publicada originalmente entre 1988 e 1997 pelo autor britânico Neil Gaiman, buscando olhar para a narrativa como *locus* de proliferação de códigos e processos comunicacionais rico em interações sociais, emoções expressas e sentidos produzidos. *Uma história de duas cidades* mostra um espaço urbano ordinário, regulado pelo relógio, em que comportamentos e emoções são expressões disciplinadas (SIQUEIRA, 2015). Paralelamente, o conto mostra um outro espaço, uma metanarrativa, a do sonho da cidade ou da cidade que sonha, impregnada de sentidos, livre da angústia e do medo intensificados pelo *stress* urbano, talvez um modelo de cidade idealizado. Esse segundo espaço, no entanto, pode ser assustador.

Partindo de uma leitura dessa ficção, o artigo tem como objetivo refletir sobre a cidade real e a cidade imaginada como espaços de significações nos quais indivíduos interagem, ao mesmo tempo em que sonham e se confundem com vultos fantasmagóricos, em um cotidiano fragmentado. A narrativa da HQ estudada apresenta-se como metáfora que se articula com reflexões dos estudos sobre comunicação, corpo e cidade.

O universo ficcional dos quadrinhos de Sandman, em que imaginação e sonho coexistem com o território da cidade, serviu, desde sua primeira publicação, em 1988, de material para reflexão sobre a cultura *pop*, os quadrinhos e sua aproximação com obras literárias como as de Dickens e Shakespeare (CASTALDO, 2004; RAUCH, 2003); sobre fontes históricas e mitologias (KATSIADAS, 2019); e sobre o poder da narrativa em quadrinhos (DOCK, 2019). O título "Uma história de duas cidades" faz alusão ao romance histórico *Um conto*

de duas cidades, de Charles Dickens, de 1859. No romance, ambientado em Londres e Paris, antes e durante a Revolução Francesa, Dickens (2002) conta a história do médico francês Manette, preso por 18 anos na Bastille, e sua posterior soltura para viver com sua filha, Lucile, que não conheceu. Inspiração realista e forte tensão emocional são características comuns entre o romance de Dickens e o universo onírico de Gaiman.

Em termos metodológicos, procedemos a leituras sucessivas do conto em formato de quadrinhos observando texto e imagem a partir do referencial teórico previamente levantado sobre cidade, corpo, emoções e comunicação. No processo de análise buscamos entender a narrativa como um lugar de interações sociais, de emoções expressas e de sentidos produzidos a partir do corpo e de sua relação com a cidade. Decupamos o conto em termos de imagens e de pontos que se articulam com conceitos estudados.

O conto da série Sandman se revela propício a esta reflexão uma vez que articula personagens urbanos contemporâneos em momentos de sonho e de medo da cidade, em uma linguagem midiática célebre em formato de quadrinhos. O conto também se revela extremamente atual no contexto político e sanitário contemporâneo.

Nossas principais referências situam-se nos campos da comunicação (SIQUEIRA, 2015), da antropologia das emoções (LE BRETON, 2009), dos estudos sobre o imaginário (DURAND, 1998) e dos estudos sobre cidade (BAUDELAIRE, 1997; SIMMEL, 1979). Buscamos responder à problemática que nos instiga: em que medida medo e interação midiática produzem sentidos e alimentam imaginários sobre a cidade contemporânea?

A metrópole e os afetos

A Modernidade construiu um olhar para a vida na metrópole que privilegiou asséptica e racionalmente a ilusão de segurança no seio das instituições. Um olhar crítico sobre essa visão faz pensar sobre a cidade como um "empenho inicial para estabelecer um cerco em torno do errante, daquele que desvia, do marginal, do estrangeiro, depois para domesticar, para estabelecer em uma residência o

homem sem condição de nobreza, assim privado de aventuras" (MAFFESOLI, 2001, p. 82).

Entendendo o espaço urbano como *locus* do estar-junto, do *lien* social, Maffesoli (2001) analisa a cidade como "mundo em miniatura" e os pequenos espaços como cidades em resumo, que podem ser vividos e experimentados como lugares de refúgio e exílio sob a ilusão de uma certa liberdade, onde o nômade pós-moderno pode se sentir seguro e realizar trocas simbólicas.

Em outra perspectiva, Foucault examinou o estabelecimento do horário como modelo de domesticação a partir de uma postura tipicamente religiosa: a inclusão de populações rurais na indústria, em meados do século XIX, utilizou-se do modelo das congregações, as "fábricas-conventos", a fim de acostumar os trabalhadores do campo ao trabalho nas oficinas. O exemplo dado por Foucault expõe uma estratégia minuciosa para substituir, de forma gradual, o modo de trabalho emocional das comunidades rurais pela disciplina industrial e urbana (1997, p. 144). O tempo controlado e o corpo aplicado seriam medida de eficiência e produtividade (1997, p. 145).

A vida na metrópole favoreceria, nesse caso, as relações profissionais, as relações de trabalho, de caráter econômico, de serviços e de retribuição, em oposição às relações de natureza pessoal dos pequenos círculos. Mesmo nas relações de troca exercidas nos pequenos grupos é possível uma relação pessoal, de conhecimento entre o fornecedor e o cliente, ao contrário das grandes relações de mercado, características dos grandes agrupamentos urbanos, em que consumidores dificilmente terão uma interação pessoal ou presencial com o produtor. Nesse contexto, Simmel (1979) já destacava, no início do século XX, o distanciamento do homem metropolitano de relações emocionais individualizantes – impossíveis de serem mensuradas pela lógica formal e sofisticada dos processos racionais. Segundo o autor, "nas relações racionais, trabalha-se com o homem como com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente" e, na metrópole, "apenas a realização objetiva, mensurável, é de interesse" (1979, p. 13).

Figura 1 – A racionalização do tempo e do espaço e a previsibilidade das rotinas

Fonte: GAIMAN, 2007, p. 28.

Para Simmel, "a mente moderna se tornou mais e mais calculista" (1979, p. 14). O autor explica a atitude prosaica nas metrópoles: um egoísmo econômico intelectualmente calculista, uma economia do dinheiro que domina as cidades cuja origem se confunde com a da própria mentalidade intelectualista da qual se alimenta e para a qual também serve de alimento. Ele relaciona diretamente a complexidade dos afazeres metropolitanos com a pontualidade nos compromissos e serviços, sem os quais toda a estrutura se romperia.

Em uma abordagem acerca da história da percepção do corpo, Georges Vigarello (2016) observa a emergência do "homem sensível", a partir do século XVIII, colocando o corpo em foco e fazendo dele lugar das sensações, da consciência e do percebido. O corpo já não é visto como algo "externo" ao sujeito, mero invólucro da alma, mantido à distância e objeto de humores capazes de provocar as mais diversas alterações,

mas como prolongamento da consciência e do afeto. A novidade trazida pelo Século das Luzes teria sido uma curiosidade sobre a carne, os nervos e suas pulsações, lugar das sensações imediatas, das impressões surgidas nas interações com o mundo "real". Esse novo olhar sobre o universo do corpo e das impressões permitiu privilegiar a experiência dos gestos simples, dos momentos ínfimos e banais da vida, do cotidiano (VIGARELLO, 2016, p. 73).

As evocações do ambiente a partir do corpo e de suas sensações se estendem às experiências "ínfimas", irrupções de mal-estar, fadigas, doenças crônicas, enfim, todo um universo de impressões outrora negligenciadas ou separadas da experiência corporal e secretamente ressentidas. O corpo passa a ser percebido como fundo sensível da existência, torna-se presente, impõe-se de forma insistente, ao mesmo tempo em que o olhar das ciências se volta para a sensibilidade. Doenças que

antes eram atribuídas a humores e tratadas como afecções do "espírito" começam a ser tratadas como "efeito do nervo", muitas vezes, por meio de terapias brutais, cujo objetivo seria tratar as tensões internas, agir sobre os nervos, apaziguando-os.

A ênfase na materialidade das sensações inclui, na visão de Vigarello (2016), as inquietações, os espasmos e os sufocamentos ressentidos do ambiente, das pressões e dos estímulos da vida nas cidades. O homem urbano é confrontado com um mundo de fadigas, dores e sofrimentos que estimulam e afetam os "nervos", sufocam, fazem o "coração sair pela boca". A invasão do corpo pela cidade é metaforizada em invasão nervosa. Vigarello recorre à literatura do século XVIII para exemplificar os "ataques" aos nervos sofridos na cidade: o ar das ruas, os confinamentos, as

indústrias. Da inquietação e do estado febril à própria insensibilidade e ao déficit de atenção provocados pelos estímulos da cidade, tudo colabora para uma percepção nova e insistente do corpo. O mal-estar manifesto na carne, nas dores, nos desarranjos nervosos faz com que o "herói sensível" se veja repetidamente confrontado com seu corpo, centro da existência, lugar de origem de um sentimento interno de si.

A ruptura, no século XVIII, com essa ideia do pensamento como sendo medida das coisas (VIGARELLO, 2016), trouxe uma abordagem na qual o corpo e suas impressões se tornam o lugar da interioridade e do sentimento de si. Se o pensamento não é mais a medida, seria preciso experimentar para sentir. Daí o interesse pelas sensações e, também, pelo seu controle.

Figura 2 – O desejo de fugir do cotidiano impulsiona o "herói sensível" a experimentar as sensações da cidade



A vida na metrópole, com seus estímulos e comunicações intensos, modificou a relação do homem com o espaço urbano e com as noções de tempo e espaço. A presença de máquinas, da imprensa e da iluminação, intensificada no final do século XIX, contribuiria para uma demanda constante dos sentidos, criando ambientes cada vez mais "perigosos". O mal-estar relacionado às excitações da vida moderna levaria a um embotamento dos nervos, ameaçando a saúde e a produtividade do homem urbano. A busca por diferenciação e pela *évasion* diante dos males da vida moderna caracterizariam a nova relação do homem com o ambiente.

A cidade apresenta-se, então, como um espaço pleno no qual os indivíduos desempenham funções diferenciadas e complementares, racionalmente calculadas para atuar dentro de uma integração pontual e impessoal. Contudo, o espaço urbano também é lugar dos encontros, *carrefour* de culturas e diferenças, o que faz pensar na cidade como lugar complexo.

Adotando a perspectiva da cidade como espaço complexo, tanto de encontro como de solidão, conflito e afastamento, veremos, na metáfora dos quadrinhos de Neil Gaiman, uma das possíveis representações da angústia do homem comum diante do caráter paradoxal e ofuscante da metrópole. Desterritorializado, perdido nas armadilhas da cidade, esse homem tenderia a perder-se na fronteira entre realidade e sonho.

Medo e interação na cidade

Temas como medo, violência, *stress*, poluição, velocidade e excesso de informações nas grandes cidades aparecem em narrativas midiáticas em que pessoas procuram refúgios para as angústias do cotidiano. O abrigo pode ser físico, em espaços construídos para uma *évasion*, uma fuga dentro do urbano, ou pode ser simbólico,

pleno de imaginário, no consumo, na ficção, no jornalismo, nas redes sociotécnicas.

Narrativas alimentadas por um consumismo romântico³ se multiplicam nas mídias sociais, enfatizando o lado aventureiro de seus personagens, sempre dispostos a desbravar novas fronteiras⁴ ou a buscar uma paz imaginada na vida no campo ou em outros países, "desdenhando de nossos cansaços, escarnecendo de nossa rotina exaustiva e estapeando nossas feições abatidas".⁵

A relação entre real e imaginário se faz presente nos contrastes das grandes metrópoles, sujeitas a percepções e apropriações distintas por parte de seus moradores, visitantes, viajantes e governantes, além da imagem projetada no discurso dos *mídia*. A produção de um imaginário urbano sob a ótica do consumo redesenha a cidade e suas dinâmicas cotidianas, resultando em identidades culturais e projetos de cidade imaginada.

O imaginário urbano não se opõe ao real, mas constitui o próprio mundo experimentado nas relações sociais, no cotidiano, nas interações por meio das quais é dotado de sentido. O imaginário é, portanto, construído nas interações cotidianas, presenciais ou mediadas por tecnologias de comunicação, que constituem domínios privilegiados de produção de sentido, nas interseções entre o público e o privado. O imaginário nunca é algo dado, absoluto ou externo ao indivíduo, mas uma construção que compreende os ritos sociais e o sentimento de si dos sujeitos, em um eterno devir (DURAND, 1998). É produto tanto do social quanto do individual, que não se opõem, mas se complementam e se interpenetram por meio de ritos de interação e negociações de sentido.

Se a mídia contribui para a construção de imaginários, também expõe ao mundo as desigualdades sociais, assim como discursos sobre violência e medo. No caso de metrópoles como Rio de Janeiro, as estratégias utilizadas para

³ MACEDO, Diego. As redes sociais e as armadilhas do consumismo romântico. In: *Viagem e Turismo*. [S. l.], 11 mar. 2019. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/de-mochila/consumismo-romantico>. Acesso em: 13 mar. 2019.

⁴ REPARAZ, Guillermo. A família que largou tudo para dar a volta ao mundo sobre rodas. In: *El País*. Madrid, 10 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/05/actualidad/1551785168_973827.html. Acesso em: 13 mar. 2019.

⁵ EVARISTO Costa tira onda: "Se você tem as segundas livres você é um privilegiado sim". In: *Uol*. [S. l.], 10 mar. 2019. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2019/03/11/evaristo-costa-tira-onda-se-voce-tem-as-segundas-livres-voce-e-um-privilegiado-sim-125848.php>. Acesso em: 13 mar. 2019.

produzir um consumo emocional da cidade, visando a atrair o turismo em nome de um "amor ao Rio", esbarram na desconfiança e no medo e em diversas emoções exploradas e dramatizadas no jornalismo a fim de construir conexões entre seus interlocutores. A reprodução, na mídia, de uma escalada da violência pautada na cultura do risco e da suspeita produz "vilões" e intensifica as tensões entre grupos de origens, classes e ideologias diversas.

A esse respeito, Freitas e Gotardo (2015) observam que a tendência, reforçada pelo tempo dedicado à mídia em coberturas jornalísticas e denúncias, faz com que o homem urbano contemporâneo viva acuado, buscando proteção atrás de grades, muros e telas, em um clima de ruptura e negação da cidade real e em direção a uma cidade ideal, onde a promessa de segurança e de diminuição dos conflitos influencia o consumo e os usos da cidade. Daí a proliferação de espaços imaginados de consumo, como os *shopping centers*, os condomínios fechados, as academias de ginástica e mídias sociais, onde seus usuários podem usufruir de um imaginário de segurança pautados em satisfazer suas necessidades de estar em relação com o outro, aparentemente protegidos das incertezas da rua.

Para Beatriz Sarlo (2009), a cidade, embora não nos ofereça sempre o mesmo, sempre oferece algo a ser experimentado, mesmo àqueles que se servem das sobras dos que consomem. A cidade, com seu potencial de desordem, que

desafia a lógica dos ambientes ideais, construídos para proteger das intempéries e aproveitar de forma organizada todos os espaços, possibilita diferentes formas de fruição. Sarlo destaca a criação, em meados do século XIX, em Paris, do *grand magasin*, no qual, pela primeira vez, o valor da mercadoria se deslocaria do seu uso para o seu "valor para os olhos". *Le Bon Marché*, aberto em 1852, era um exemplo de como as técnicas de exibição mercantil e o consumo veloz dos bens multiplicavam as sensações, especialmente das mulheres, que eram "consumidas pelo seu desejo" (SARLO, 2009, p. 14).

Como observa Sarlo, embora diferentes, a cidade real e as cidades imaginadas se entrecruzam na circulação de mercadorias e nas suas formas de uso. Apreendida pelos sentidos, em seus odores, ruídos, sabores, sombras, esbarrões, a cidade insiste em demandar do homem urbano novas formas de percebê-la e de se perceber a si mesmo. É assim que Robert, personagem do conto de Gaiman, é confrontado com um mundo aparentemente estranho, um mundo de sonhos, e com a possibilidade de perder-se (ou encontrar-se?) nele. Ao percorrer os mercados de rua, as ruas, becos e esquinas, com seus brilhos e sombras, rostos e vultos quase inapreensíveis, Robert experimentava a cidade a partir de uma atitude reflexiva, por meio da qual a cidade ganha existência através da percepção do sujeito, o qual, por seu lado, constrói o sentimento de si a partir da relação com o mundo.

Figura 3 – Ao confrontar-se com a cidade sensível, Robert já não consegue separar o mundo desperto do onírico

De acordo com Le Breton (2016), essa é uma das bases do interacionismo simbólico, uma das formas da sociologia compreensiva, de origem americana, que teve seu auge na década de 1950, na Escola de Chicago, e que teve em Simmel uma de suas principais inspirações. Le Breton destaca a noção, segundo Simmel, de reciprocidade. Para os autores, as relações sociais não são nunca unívocas: elas produzem os efeitos de reciprocidade (LE BRETON, 2016, p. 4).

Simmel vê no conflito não um acidente, mas uma parte integrante da vida em sociedade. Para ele, o conflito é uma forma de sociação que contribui para a organização e a unidade da vida social. Embora admita que o conflito levado ao extremo possa se traduzir em violência e até mesmo na aniquilação de uma das partes discordantes, Simmel compreende que simpatia e hostilidade se misturam na vida das sociedades, assim como na dos indivíduos, e contribuem para o regramento e o equilíbrio de ambas as partes.

É na impossibilidade de lidar com o conflito e com a presença do outro, do estranho e do novo que "Uma história de duas cidades", de Gaiman, constitui objeto de debate sobre o cotidiano das cidades e o sentimento de si do homem comum. A fuga do cotidiano – marcado pela rotina dos espaços privados e do tempo cronometrado da jornada de trabalho – em direção à cidade imaginada, sonhada, com suas incertezas e ambientes sombrios, leva o personagem, Robert, a um conflito interno. Ao mesmo tempo impelido pelo prazer de flunar pelos labirintos da cidade, Robert sucumbe ao medo e à insegurança

diante da metrópole que sonha e, por fim, opta por se refugiar em um vilarejo no distante litoral da Escócia, atrás do ideal de segurança e de simplicidade que a vida urbana e tecnológica falhara em proporcionar (GAIMAN, 2007, p. 40).

"Uma história de duas cidades": a metrópole como produção de sentidos

Reconhecidas entre leitores de histórias em quadrinhos em todo o mundo, as histórias do personagem Sandman, o Mestre dos Sonhos, do inglês Neil Gaiman, participam de um imaginário rico em signos que vão do mitológico ao cotidiano. O *Sonhar*, como chama o autor, é uma realidade fantástica na qual sonhadores de todo o mundo se encontram em meio a personagens simbólicos oriundos da mitologia e da literatura. Entre as obras citadas por Gaiman estão *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, e *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens.

A série Sandman, publicada originalmente entre 1988 e 1997, republicada no Brasil em dez volumes, entre 2006 e 2007, pela editora Conrad, narra as histórias de diversos sonhadores, em sua maioria pessoas "comuns", como o personagem Robert, de "Uma história de duas cidades" (GAIMAN, 2007). Robert é um funcionário de empresa no centro de uma metrópole onde viveu toda a vida. Com um emprego estável, no qual desempenha um trabalho burocrático, ele emprega seu tempo livre explorando os caminhos da cidade, a pé ou de ônibus. Robert poderia ser um paralelo do tipo social que, na Paris do século XIX, Baudelaire (1997) identificou como *flâneur* (Figura 4).

Figura 4 – Robert, um *flâneur*. Ele não se sente em casa em lugar nenhum, busca refúgio na multidão



Fonte: GAIMAN, 2007, p. 27.

Na visão de Benjamin (1985) o *flâneur* é um personagem cujo olhar alegórico perpassa a cidade lançando-o ao estranhamento. Ele não se sente em casa em lugar algum. Busca asilo na multidão, "véu através do qual a cidade costumeira acena ao *flâneur* enquanto fantasmagoria. Na multidão, a cidade é ora paisagem, ora ninho acolhedor" (BENJAMIN, 1985, p. 39). Assim Gaiman constrói seu protagonista (Figura 1): "Na hora do almoço,

os colegas iam ao refeitório do outro andar comer suas refeições gratuitas e fofocar. Mas o homem, cujo nome era Robert, tirava um sanduíche da maleta e passava uma hora explorando os caminhos da cidade" (GAIMAN, 2007, p. 28).

Figura 5 – Robert sente prazer em contemplar a cidade, com sua infinidade de estímulos de figuras que vagam pelas ruas



Fonte: GAIMAN, 2007, p. 28.

A visão de seus colegas de trabalho, empenhados em tarefas repetitivas e comendo as mesmas refeições, no mesmo local e no mesmo horário, todos os dias, ilustra o distanciamento entre os sujeitos nas metrópoles contemporâneas. Simmel (1979), no início do século XX, atribuiria tal distância ao individualismo e à objetividade da vida nas grandes cidades. Nessa perspectiva, a mente moderna, fria e calculista, entregar-se-ia à objetividade de tarefas pontuais, como trabalhar, comer e dormir em horários calculados, frequentar ambientes planejados para o lazer, para o comércio ou para a cultura. Ainda segundo o autor, "os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextricável" (SIMMEL, 1979, p. 14).

Para Simmel, os estímulos constantes e contrastantes, em rápidas mudanças, impostos aos habitantes das metrópoles resultariam em uma

atitude *blasé*, um mecanismo de defesa, uma recusa em discriminar todos os objetos e estímulos oferecidos à mente, sob o risco de sobrecarregá-la.

É na forma como Robert experimenta a cidade que se destaca seu caráter imaginado, que ultrapassa os limites da cidade planejada, da *ville*, com seus espaços planejados, suas paredes, grades e estações de trabalho (Figura 5). A *city* é o lugar vivido, dotado de sentidos, de astúcias cotidianas e do tempo presente, do aqui e agora (SENNETT, 2018). Apropriada pelo imaginário, a *city* inscreve-se na cultura, virando alvo das disputas que se dão nesta arena, nas relações cotidianas de poder. Pertencer ao lugar do afeto requer pensar o fazer cotidiano em níveis de estratégia e tática. A *city* é o lugar onde o vulgar e o banal, isto é, o que escapa à imposição dos poderes, pode ser objeto de um real investimento.

É impelido por um interesse pelo banal e pelas sensações da rua, característico do *flâneur* que, em determinado momento, Robert se perde no sonho

da cidade e, por fim, já não sabe mais se localizar nas ruas que tantas vezes percorrera (Figura 3).

A busca de Robert pelo desconhecido que o compele, todos os dias, a explorar a cidade caracteriza o desejo de fuga, de aventura e de estranheza.

Robert é um cidadão com uma rotina estável, de horários e espaços determinados:

trabalhava o dia inteiro numa mesa, dentro de uma sala com dezenas de homens e mulheres em mesas como a sua, fazendo trabalhos semelhantes ao seu. Não gostava nem desgostava do trabalho: estava ali porque aquele emprego era para a vida toda, porque oferecia estabilidade e segurança (GAIMAN, 2007, p. 28).

Como o nômade pós-moderno, Robert construiu caminhos e rituais pelos quais se guiava e se reconhecia, que lhe davam uma sensação de segurança (Figura 2). É na busca do encontro com o desconhecido que Robert se depara com uma outra cidade: "certa manhã ele pegou o metrô para o trabalho, como sempre, e passou o dia inteiro na sala cheia de mesas. Na hora do almoço, caminhou pelo centro comercial. Passou pelas mesmas ruas, becos e vielas que já percorrera tantas vezes, até que viu a estrada de prata" (GAIMAN, 2007, p. 29). O devaneio do personagem, um quase sonhar acordado, leva-o a uma trilha de sonhos pelos quais experimenta relações com o outro, o estranho. A cidade se converte, a seus olhos, em um labirinto, uma segunda cidade que a imaginação reveste de sentidos. Mas essa cidade, ao mesmo tempo em que é atraente, com seus mistérios, é também repleta de estranhamentos, de vultos e rostos amorfos. Robert já não reconhece os caminhos por onde anda e isso lhe causa medo e desconfiança.

Ao introduzir o personagem no que seria o "sonho da cidade", Gaiman aborda a anomia do homem comum diante da racionalidade das metrópoles. Incapaz de se relacionar com seus vizinhos ou colegas de trabalho, o protagonista vê-se isolado, perdido, sem referencial. Ao abandonar seu referencial, a rotina de trabalho, em direção ao território inexplorado do sonho, ele se confronta com sua própria inabilidade de perceber o mundo sem a máscara dos simulacros.

Pessoas passam por ele como borrões desfocados, transitórios. Vidas breves que, para ele, tremulavam e sumiam, sem que estabelecesse contato. Aqui pode-se fazer um paralelo com o que escreveu Simmel sobre a interação entre os habitantes dos espaços urbanos:

Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável (SIMMEL, 1979, p. 17).

Na visão de Simmel, a impossibilidade de reagir a cada incontável estímulo geraria uma *reserva* comum aos habitantes das cidades grandes. Por meio dessa reserva os indivíduos seriam capazes de viver próximos uns dos outros sem se conhecer. Essa indiferença típica das metrópoles, muitas vezes, seria entendida como frieza pelos habitantes do "campo" ou da "*provençe*".

Mesmo quando se entrega à evasão, ao desejo do exílio, Robert sente-se envergonhado, pois já não é fácil ao homem comum, disciplinado, entregar-se livremente ao caos das paixões. É com temor que o sedentário Robert acolhe o errante. Quando o faz, no entanto, sente-se feliz. Na contemplação do mundo exterior, das sensações do cotidiano e dos "breves instantes de realidade", experimenta suas emoções e sente-se, por fim, "parte do todo".

Assim, tomado por desejo explorador similar àquele do qual se alimenta a imaginação do *flâneur*, em uma de suas saídas, Robert depara-se com a "estrada de prata" e, curioso, segue-a por um beco. Acaba embarcando em uma viagem onírica onde se depara com um "estranho" de aspecto sombrio e assustador, de "olhos escuros como poços de noite". A visão do personagem misterioso o enche de medo e ele foge. O homem misterioso é a representação, no universo fantástico dos quadinhos de Neil Gaiman, de Morfeu, o deus dos sonhos da mitologia grega, metáfora que encarna toda a simbólica da cidade e do vazio infinito da noite (Figura 6).

Figura 6 – Em Sandman, símbolos, personagens literários e mitológicos interagem com os habitantes das cidades



Fonte: GAIMAN, 2007, p. 31.

Morfeu, o Sonho, é a representação da alteridade, do exótico, da diversidade da pessoa e da ordem do social negadas a tal ponto na modernidade que Robert já não consegue encará-lo. Ele prefere evitar o Outro sob o risco de encarar a própria diferença. A negação de tudo o que não é considerado bom, que Maffesoli (2014, p. 144) chama de *correctness* contemporânea, procura impor o Bem, o reto e o correto, como única alternativa viável e segura – todo desvio ou

humor devendo ser condenado e satanizado. A necessidade de negar tudo o que há de sombrio e podre em nome de uma assepsia moral e, assim, a vida em sua integralidade, é para Maffesoli a própria negação da vida cotidiana.

Outro personagem com quem Robert se encontra é um idoso com quem estabelece um diálogo perturbador. Ele alega estar ali há muitos anos, acredita estar desperto e que aquele seria, na verdade, o sonho da cidade (Figura 7).

Figura 7 – A cidade que tem alma própria, que sente e sonha



Fonte: GAIMAN, 2007, p. 35.

O medo do sonho da cidade é mais uma forma de representar o terror diante da efervescência da metrópole e dos perigos que a vida moderna nos ensinou a temer. Ver a cidade como um gigante adormecido é reconhecer nela sua psique coletiva. Essa *anima mundi*, ou alma do mundo como descreve Maffesoli (2007), nada mais é do que o espírito de grupo resultante do renascimento das comunidades.

No plano mitológico, é Prometeu quem dá aos homens a vida civilizada, por meio do fogo que rouba dos deuses. As artimanhas do titã, ao tentar enganar os deuses, custam caro à humanidade,

que antes vivia segura de todos os males. Além da punição aplicada ao próprio Prometeu, a chama do conhecimento trouxe aos homens os terrores do trabalho, da fadiga, das doenças e da morte. A esses males Jean-Pierre Vernant acrescenta também a "espécie das mulheres", das quais a primeira, Pandora, teria trazido ao mundo todas as misérias, como o nascimento por procriação, o casamento, os trabalhos árduos, a fadiga, a velhice e a morte (VERNANT, 2006, p. 61).

Campbell (2000, p. 123) atribui a demonização da mulher a um sistema ético monástico-puritano, pelo qual negou-se o mundo e a própria vida em

seu aspecto carnal, orgânico e natural. A mulher, deusa da carne e do pecado, mãe e amante, é constantemente retratada, em parábolas religiosas e lendas, como portadora da corrupção e da tentação. Assim como Eva, cuja tentação tirou Adão do Paraíso, é Pandora quem abre a caixa que espalha todos os males no mundo.

A mulher e a morte também são figuras presentes na narrativa de Gaiman, assim como na poesia de Baudelaire, representando o que Benjamin chama de "a derradeira viagem do *flâneur*

em busca do novo" (BENJAMIN, 1985, p. 40). Aqui, as duas representações se unem na imagem de uma mulher "que se destaca da cidade como um dente enegrecido". A mulher-morte surge para Robert como um desejo reprimido de abraçar o desconhecido, as múltiplas oportunidades que se apresentam na cidade, ao mesmo tempo em que assusta como possibilidade de deixar a segurança do eu racional e lançá-lo em direção a uma jornada fatídica (Figura 8). Se a tocasse, "estaria perdido para sempre" (GAIMAN, 2007, p. 39).

Figura 8 – Nas narrativas de Gaiman a morte é representada como uma jovem bela e gentil que acolhe os moribundos



Fonte: GAIMAN, 2007, p. 39.

Para Bauman (2008) a herança do pecado original obrigaria a viver sob o domínio do medo da

danação eterna e da difícil tarefa de viver uma vida de zelo para alcançar na morte a salvação. O autor

reconhece na ideia do desenvolvimento medidas objetivas voltadas para dominar os perigos que nos assolam e, com isso, construir um ideal de proteção contra os "males" da natureza, contra a debilidade e a mortalidade de nossos corpos e contra as ameaças de nossos próprios vizinhos. Bauman (2008) esclarece que, ao contrário do que se espera, são precisamente as pessoas que vivem com maior conforto e acesso a recursos as que mais se apegam à obsessão por segurança. O autor aborda as incertezas do que chama de mundo líquido-moderno como "um ensaio diário do desaparecimento, sumiço, extinção e morte" (2008, p. 12). Essa ameaça constante da extinção, vista e revista, sucessivamente exposta nos meios de comunicação, torna a própria ideia de morte incerta e revogável.

Considerações finais

O sonho da vida nas grandes cidades (pós) modernas transformou os espaços urbanos em ilhas imaginadas onde a segurança convive com a incerteza e o medo do encontro com o desconhecido. A modernidade, com seus aparatos tecnológicos e ambientes construídos a partir de uma lógica utilitária renegou o contato com a natureza em função do prazer egoísta e sedentário.

A proteção oferecida pelas cidades (pós) modernas, seja no ambiente de trabalho, no lar, nos ambientes reservados para consumo ou lazer caracteriza o que Maffesoli (2001) chamou de "violência totalitária". O preço da segurança é a submissão que procura fazer do corpo social uma massa organizada segundo interesses externos. Tal forma de domesticação estaria na passagem do nomadismo para o sedentarismo.

Diante do medo e do *stress* gerados na cidade, utopias imaginadas como *shopping centers* e condomínios fechados surgem como simulacros da cidade e oferecem uma alternativa à realidade fragmentada e cruel. Além disso, atendem a uma economia de consumo pela qual trabalhamos e vivemos em função de atingir um padrão de vida elaborado a partir de um modelo hiper-real e ao mesmo tempo inatingível. Essa impossibilidade de alcançar o conceito idealizado de felicidade leva o

indivíduo (pós)moderno a exilar-se das mais diversas formas, seja no plano físico ou no simbólico. O desejo e a insatisfação seriam motores para desencadear os mais diversos tipos de exílio, afastamentos e rupturas com o intuito de reaproximação do que se perdeu na rotina, da novidade do sentimento.

O conto "Uma história de Duas Cidades", de Neil Gaiman, apresenta uma metáfora do homem moderno em sua busca por *évasion* – o que acaba por lançá-lo em uma aventura onírica repleta de simbolismos e representações. A metrópole representada por Gaiman toma formas diversas, assim como seus habitantes, levando o personagem central a entregar-se ao desejo de confrontar-se com o Outro e com o medo da perda de si mesmo.

A cidade imaginada por Gaiman reveste-se de sentidos e assume personalidade própria. É capaz, então, de sonhar, e nela seus habitantes se perdem e se confundem com ecos simulados de si mesmos. Se a cidade sonha, é capaz de acordar. O medo irracional do personagem acerca "do dia em que as cidades se levantarão" revela o sentimento de impotência diante do incompreendido. A sombra, o sonho e a morte, que a razão procura reprimir, encontram-se no sonho da cidade como um convite à destruição do indivíduo dentro do coletivo e de suas múltiplas possibilidades. A velocidade da informação nos grandes centros urbanos reforça o caráter efêmero das relações, obrigando o indivíduo a relacionar-se com o mundo de forma objetiva. É talvez esse desconforto diante do caos e da saturação na cidade que leva Robert a escolher a fuga para o mítico espaço rural, alternativa à ameaça constante da morte ou pelo menos uma forma de negá-la momentaneamente.

Gaiman entrecruza a cidade real e a imaginada em suas diferentes facetas, "lapidada" pelo olhar de Robert, que as percebe, mas que não consegue separá-las. A cidade se apresenta como um todo complexo aos sentidos, fazendo do corpo do "herói" espécie de âncora, lugar de relação com o outro e com o mundo. Como escreveu Vigarello: "o corpo é, primeiramente, senão exclusivamente, relação com o mundo. É o lugar experimentando as coisas, comunicando-se com

elas, medindo-as, avaliando-as" (2017, p. 40).

No conto de Gaiman, a cidade, vista por Robert, se faz objeto de análise e de autoanálise, na medida em que adquire valor nos sentidos produzidos pelo personagem, ao mesmo tempo em que se faz narrativa e sentimento de si. A segunda cidade, imaginada, é a cidade vivida, que se reveste de sentidos e sensibilidades. Seus detalhes, as situações banais, sensações breves, tudo atrai a atenção de Robert, a ponto de embotar os sentidos. É por uma "disposição interna" que ele é capaz de perceber o que Vigarello designa como sensações surgidas das zonas mais obscuras do corpo, "das quais dão testemunho o sonho e o delírio" (VIGARELLO, 2017, p. 142).

Por mais seguros e aconchegantes que possam se apresentar, a casa, o trabalho e os espaços planejados da cidade podem se tornar prisões ao não cumprirem a promessa de satisfação individual, tampouco dão conta das sensibilidades e do eros pós-moderno, que nos conduz ao encontro com o outro. O indivíduo pós-moderno se vê dividido entre a tentação de segurança no privado prometida pela modernidade e o desejo de lançar-se ao desconhecido, lugar dos encontros, das sombras, da noite e da morte.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX**. São Paulo: Ática, 1985.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CASTALDO, Annalisa. "No more yielding than a dream": the construction of Shakespeare in The Sandman. **College Literature**, Baltimore, v. 31, n. 4, p. 94-110, 2004.

DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

DOCK, Astrid. **The Dream of Morpheus**: A Character Study of Narrative Power in Neil Gaiman's The Sandman Astrid. Degree project in English Literature. Centre for Languages and Literature Lund University. Lund: Autumn Term 2018.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. São Paulo: Difel, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREITAS, Ricardo Ferreira; GOTARDO, Ana Teresa. Cenários de guerra na selva urbana: imaginários da violência e consumo turístico da cidade do Rio de Janeiro no documentário seriado Madventures. **DOC On-line**: Revista Digital de Cinema Documentário, [S. l.], n. 17, p. 172-190, 2015.

GAIMAN, Neil. Uma história de duas cidades. In: **Sandman**: fim dos mundos, v. 8. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2007. p. 27-41.

KATSIADAS, Nicholas P. **Transforming literary history into romantic myths in comics**: Neil Gaiman's Sandman, Alan Moore and JH Williams III's Promethea, and Mike Carey and Peter Gross's The Unwritten. 2019. Tese (Doutorado). Indiana University of Pennsylvania, Indiana, 2019.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **L'interactionnisme symbolique**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações. **Ciências sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 97-102, 2007.

RAUCH, Stephen. **Neil Gaiman's The Sandman and Joseph Campbell**: In search of the modern myth. Rockville: Wildside Press LLC, 2003.

SARLO, Beatriz. **La ciudad vista**: mercancías y cultura urbana. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELLOSO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

SIMMEL, Georg. **Le conflit**. Paris: Circé, 1995.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira Siqueira. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, D.C.O.S. (org.). **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 15-36.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo. Petrópolis: Vozes, 2016.

Marcos Fábio Medeiros Vieira

Mestre e doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, RJ, com estágio de doutorado na Université de Strasbourg, França. Analista de Ciência e Tecnologia do Instituto Nacional de Câncer (Inca).

Denise da Costa Oliveira Siqueira

Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), com estágio pós-doutoral em Sociologia (Université Paris-Descartes e Université de Strasbourg, França). Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, RJ.

Endereço para correspondência

Marcos Fábio Medeiros Vieira/ Denise da Costa Oliveira Siqueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Comunicação Social

Rua São Francisco Xavier, 524 – 10º andar – sala 10.121-F

Maracanã, 20550-013

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.